

O BRINCAR E AS BRINCADEIRAS NA FAMÍLIA

Dyana Augusta Leão da Silva¹

RESUMO: *A presente pesquisa tem como objetivo analisar como é construído o espaço do brincar dos filhos nas famílias de classe média na cidade do Salvador e compreender como os pais vivenciam este processo. Ao investigar esta dinâmica foi analisado como os pais concebem o significado do brincar, a percepção que têm dos espaços em que os filhos brincam e como é sua participação na construção dos valores representados pela realidade vivenciada no cotidiano e no modo da família partilhar estes espaços. A pesquisa foi realizada por meio de questionários respondidos por pais de alunos de uma escola de classe média na cidade do Salvador-Ba, cursando o maternal, com filhos de 3 a 4 anos de idade. Foi detectado nos espaços para brincar um compartilhamento das brincadeiras entre pais e filhos; evidenciou-se uma diversidade na compreensão dos valores culturais e sociais neste universo lúdico, que são reflexos do crescimento urbano e das mudanças na sociedade contemporânea.*

Palavras-chave: Família; Criança; Brincar; Espaços.

INTRODUÇÃO

Ao escolher o brincar e a família como objeto de estudo depara-se com uma diversidade de conceitos em uma literatura extremamente extensa e diversificada, tanto em termos de disciplinas ou áreas que refletiram sobre esses fenômenos – filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, história –, como de abordagens teóricas dentro da própria psicologia.

O presente estudo utilizou a abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (1979/1996); e recorreu a outros autores para mapear o tema específico (MORAIS & CARVALHO, 1987; Carvalho et al., 2003; BICHARA et al., no prelo; WININOCOTT 1997; BIASOLO-ALVES & MOREIRA, 2007).

Segundo Carvalho, Magalhães, Pontes, Bichara (2003, p. 01), “brincar é preciso porque é humano, para ser humano e como atividade espontânea e auto-motivada”, pois o “brincar é uma parte fundamental de nossa herança como espécie, um componente do nosso bem-estar cotidiano, uma forma de conhecermos e nos relacionarmos com o mundo a cada dia”.

A família tem um papel importante no resgate do brincar e das brincadeiras.

“A família tem a tarefa de educar a geração mais nova, e ao fazê-lo, irá levá-la, como sujeito de aprendizagem social, a interiorizar um mundo mediado, filtrado pela sua forma de se colocar perante ele. Assim, os padrões, valores e as normas de conduta do grupo em que ela está inserida serão transmitidos de modo singular à criança, que por sua vez irá assimilá-los segundo suas idiossincrasias” (BIASOLI-ALVES & MOREIRA, 2007, p. 197).

Analisando esses conceitos, é fundamental uma contextualização do brincar na interação com a família, visto que os espaços proporcionados pelos pais, têm uma relação dinâmica e singular. Este ambiente doméstico:

“Apresenta-se à criança em desenvolvimento como fluxo de práticas e rotinas, dentro do qual são socializados e construídos significados culturais e padrões de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: dyanaleao@uol.com.br. Orientadora: Professora Dra. Ana Maria Almeida Carvalho.

interação que se tornam o material de que é feito o estilo singular de cada família dentro de uma estrutura social e de um grupo cultural de referência familiar” (BASTOS, 2002, p.100).

Para a compreensão deste meio ambiente Bronfenbrenner (1979/1996, p.18) propõe:

“A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos”.

Para analisar os aspectos que envolvem o desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (1979,1996) enfatiza que: 1) A pessoa em desenvolvimento não é uma tábula rasa, 2) O meio ambiente exerce sua influência e 3) O meio ambiente definido como relevante para os processos desenvolvimentais não se limita a um ambiente único e imediato.

Diz também que o meio ambiente ecológico é concebido topologicamente como uma organização de encaixe; estas estruturas são chamadas de micro-, meso-, exo- e macrosistema.

Na análise do contexto familiar, Biasoli-Alves e Moreira (2007, p.198) trazem uma contribuição importante ao afirmarem que “a família é uma unidade inserida no contexto social mais amplo, razão porque sua evolução vai ocorrer sob a influência de macrovariáveis presentes no mundo exterior; por outro lado, ela não é uma entidade estática, mas um organismo social mutante, cooperador, atuante, adaptado, envolvente, que mantém um processo constante de interação, com diferentes níveis do ambiente social em que se insere”.

Winnicott (1975) diz que é no brincar, e talvez apenas no brincar, que as crianças ou o adulto fruem sua liberdade de criação e há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e deste para as experiências culturais. Segundo o autor, o brincar e a experiência cultural podem receber uma localização caso seja utilizado o conceito do espaço potencial existente entre mãe e bebê. Diz ainda que é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, a criança ou o adulto podem ser criativos e utilizar sua personalidade integral: e é sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (Self).

Vivenciar o brincar com os filhos pode ser um espaço de reflexão dos valores no mundo adulto, percebendo talvez o distanciamento que existe com o universo lúdico no cotidiano, que é fruto das exigências e cobranças do mundo moderno.

Zoller e Maturano (2003, p.199) retratam bem esta questão, dizendo que “[...] nós seres humanos adultos, frequentemente perdemos o bem-estar de viver e criamos tais dificuldades para o crescimento de nossas crianças como seres sociais normais quando perdemos a capacidade de brincar”. Fazemos isso, segundo os autores, quando mergulhamos em preocupações com o futuro e o passado, e assim nos desencontros dos outros – em especial de nossos filhos, por não vê-los precisamente porque nossa atenção está em outra parte.

Dentro do microsistema que é a família podemos observar “padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas (BRONFEBRENNER, 1979/1996).

De acordo com Carvalho (1998, p.34), na contemporaneidade, as concepções “[...] sobre desenvolvimento humano entendem que esse processo se dá necessária e intrinsecamente na interação social: é com o outro e por meio do outro que o indivíduo se constitui”. Tal concepção é compatível e, segundo a autora, “[...] é a única que pode ser compatibilizada com o

reconhecimento do ser humano como uma espécie biologicamente sociocultural, cuja ontogênese depende da imersão em um ambiente cultural específico, geográfica e historicamente situado“.

O presente trabalho tem como proposta metodológica a abordagem qualitativa para coleta e análise de dados. Foi aplicado questionário a pais de crianças com 03 a 04 anos de idade que frequentam uma escola de classe média na cidade do Salvador. O número de participantes foi definido pela quantidade de alunos do grupo 4 (maternal). A pesquisadora contou com a colaboração da professora responsável por este grupo para encaminhamento de questionários aos pais das 18 crianças do referido grupo. Os pais de nove crianças responderam tal instrumento, sendo este o número de participantes.

Entre as crianças, oito têm quatro anos e uma tem três anos de idade, sendo que quatro são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Contamos com a participação de oito mães e um pai nas respostas da pesquisa. Quanto ao número de filhos, foi observado que seis pais têm um filho e três pais têm dois filhos.

Foram elaboradas 24 questões para avaliar, compreender e identificar os espaços oportunizados pelas famílias, a percepção do brincar e das brincadeiras que fazem parte da convivência e interação pais e filhos e quais os valores que são construídos no ambiente que envolve o universo lúdico destas crianças.

Os questionários foram transcritos e analisados. Algumas categorias foram utilizadas para caracterizar o perfil dos participantes: idade e sexo dos filhos, número de filhos, participante da pesquisa (pai ou mãe).

O SIGNICADO DO BRINCAR PARA OS PAIS

A compreensão do brincar apareceu como espaço para expressão dos sentimentos e momentos vivenciados pelos pais e filhos, apresentando assim respostas que trazem o significado do brincar para os filhos e como é percebido e sentido este momento ao compartilhar com a família as brincadeiras.

Na percepção destes pais, o brincar traz para a criança sensações de prazer, alegria, contentamento, permitindo assim a expressão da criatividade e fantasia, favorecendo a socialização com as descobertas, conhecimentos e experimentos neste processo de interação com as brincadeiras. Outro registro foi a importância do brincar como possibilidade de desenvolvimento da habilidade motora, cognitiva e estabelecimento de vínculos: *“Fantasiar a realidade, criar, exercitar habilidades, estruturar laços e aprender a lidar com outros”*.

Ao brincarem com seus filhos falam de algo fundamental que é a possibilidade de fazer contato com sua criança interna, onde é expressada de forma espontânea, alegre, amorosa e criativa, proporcionando espaços e/ou momentos lúdicos com a família: *“Momento de diversão, trocar historinhas imaginárias, jogar, armar. Criar, vivenciar momentos lúdicos com alguém, neste caso, pais e filhos”*.

Bichara (1994) ao realizar um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos de idade, afirma que é incontestável a penetração do mundo social durante o brinquedo, seja sob a forma de definição de papéis, valores morais, conhecimentos ou normas de interação.

Pereira e Carvalho (2003, p.188) observam que “[...] nem sempre, no entanto, o sistema social favorece o espaço para a ludicidade, nem para a criança e muito menos para o adulto”. Ressaltam ainda, que “[...] a sobrevivência da ludicidade por meio das condições mais precárias e desfavoráveis é mais um testemunho da força dessa motivação no ser humano”.

As famílias de classe média podem proporcionar espaços para adultos e crianças expressarem o espontâneo, criativo que caracterizam a essência do ser humano e pode ser bloqueado pelas ideologias transmitidas pelo sistema social do qual fazemos parte.

As exigências do mundo moderno e as demandas que transitam no cotidiano das famílias são inúmeras, impossibilitando muitas vezes de participarem e compartilharem momentos de prazer e alegria na frequência desejada; o exossistema influencia na relação pais e filhos: “um exossistema se refere a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento” (BRONFEBRENNER, 1979/1996).

Na pesquisa foi elaborada uma questão relacionada à frequência com que os pais brincam com seus filhos e à satisfação quanto à disponibilidade deste tempo. Quatro pais disseram brincar todos os dias, três brincam nos finais de semana, 01 quase todos os dias, um à noite alguns dias, sendo que uma mãe acha suficiente, um pai acha suficiente, porém, o filho cobra mais a sua presença: “*Eu acho suficiente. Meu filho gostaria de ter mais tempo*”; 07 acham o tempo insuficiente, desejariam ter mais tempo e relatam também a cobrança dos filhos quanto à sua presença: “*Gostaria de ter mais tempo com ela*”. “*Pois apesar de brincar todos os dias brinco muito menos do que ela solicita*”.

Percebemos uma vontade e uma busca dos pais de uma participação mais efetiva na vida cotidiana dos filhos nos momentos relacionados ao brincar e às brincadeiras, mostrando os valores que estão sendo construídos e organizados no ambiente familiar.

O ambiente cultural seleciona componentes entre o repertório universal das crianças, levando-as a aprender, pela experiência, um valor cultural. Ao estabelecer prioridades, influenciados pelas ideologias dominantes de uma cultura, os valores podem ser vistos como atratores que organizam as experiências infantis e orientam a direção de sua motivação (RABINOVICH, 2007, p. 143).

PAIS E FILHOS BRINCAM? DE QUE BRINCAM?

Foi observado que os pais, ao caracterizarem as brincadeiras e brinquedos que mais gostam de realizar com os filhos, relatam uma grande variedade nas suas escolhas; já quando enunciam as preferências dos filhos citam menos, o que me fez refletir novamente sobre a evidência de espontaneidade no ato das brincadeiras. Tenho as seguintes indagações: Já que o ser humano tem na sua essência o lado lúdico, criativo e espontâneo (WINNICOTT, 1975) é com os filhos que os pais resgatam estes sentimentos esquecidos ou adormecidos que são tão presentes na infância? Quais as razões e motivos que levam o homem ao distanciamento destes momentos tão simples e prazerosos? São a complexidade, exigências e valores do nosso sistema?

Não cabe neste artigo aprofundar esta questão, mas é importante refletirmos a respeito destes paradigmas que influenciam na construção da individualidade do sujeito, dos seus papéis, das atitudes e valores que transitam nas relações sociais e familiares.

A família, segundo Petrini (2006, p.12), é o lugar mais significativo, senão o único, “onde a pessoa entra em jogo com a totalidade do seu ser; nela partilham-se sentimentos e afetos, valores e crenças, interesses e ideais, preocupações e trabalhos, sucessos e doenças, que são eventualmente discutidos e acolhidos pelas pessoas que, dessa maneira, vão tecendo os fios da relação de intimidade”.

Os pais gostam das brincadeiras realizadas pelos filhos, porém apontam para aquelas com que não se identificam: “*menos as de lutar*”, e valorizam mais determinados brinquedos: “*Acho que tem brincado muito de boneca e deixado jogos e atividades de lado*”.

Ao brincarem com seus filhos os pais resgatam momentos que vivenciaram na infância, recordam-se dos espaços em que brincaram e das brincadeiras, fazendo uma comparação de mudanças de valores nas gerações relacionadas ao brincar. No universo de nove pais, oito recordam a sua infância: “*Quando criança, no interior, brincava muito com meus irmãos – na rua de esconde-esconde, picula, pega-pega. Brincadeiras que não são mais vistas*”. Apenas um participante ao responder se brincar traz recordações fala de momentos felizes da vida mas não especifica a infância: “*Sim, de momentos felizes da minha vida. Mais do que recordação brincar me traz sensações de felicidade que não sei de que tempo vem*”.

Os achados na pesquisa permitem falar de mudanças de valores nas gerações quando os pais resgam a infância nesta etapa da vida adulta. Biasoli-Alves (1995), em estudo de famílias trigeracionais, analisa os valores e as práticas adotadas em famílias em diferentes fases do ciclo de vida, pertencentes às camadas médias na cidade de Ribeirão Preto – SP. Revelam que as gerações são portadoras de histórias e de representações de mundo, e que estão construídas umas em relação às outras, ocorrendo permanências e alterações a cada geração estudada, ligadas aos diferentes contextos de vida e ambientes.

Para Magalhães, Bichara e Pontes (2003), cada sociedade produz um conjunto de significados que constitui a cultura, expressa pelas idéias, hábitos, valores, modos de vida e também pela produção material de seu meio ambiente.

Bronfenbrenner (1979/1996) considera qualquer sistema de crença ou ideologia subjacente a essas consistências, os contrastes intra-sociais como fenômenos de macrosistema. Diz, ainda, que os planejamentos dos sistemas distinguem os vários grupos socioeconômicos, étnicos, religiosos e outros grupos subculturais, refletindo sistemas de crenças e estilos de vida contrastantes, que por sua vez ajudam a perpetuar os meios ambientes ecológicos específicos de cada grupo.

O que estas crianças vivenciam hoje com os pais brincando e interagindo constará no registro da história de vida como a participação e influência da mãe e do pai nas suas brincadeiras e brinquedos; cada família tem uma singularidade nas escolhas dos brinquedos e nas brincadeiras com seus filhos.

ESPAÇOS EM QUE AS CRIANÇAS BRINCAM

Para falar de espaços é fundamental contextualizar com o conceito de território trazido por Carvalho e Pedrosa (2003), que afirmam que o território não é apenas um fenômeno físico, geográfico ou político; é também um fenômeno psicosocial e de comunicação, que envolve, ao mesmo tempo, compartilhamento e distanciamento, aproximação e separação: eu e o outro, nós e os outros – diferenciação e fusão, a dialética da sociabilidade.

Neste estudo foi evidenciado que todas as crianças brincam na casa onde moram, em apartamentos, sendo que os espaços onde mais brincam são na própria residência.

Quatro crianças brincam mais nos seus quartos, três têm quarto de brinquedos, duas utilizam a varanda e a casa da avó, o quarto dos pais aparece apenas uma vez e uma mãe citou ouvir música no carro como uma das escolhas do filho.

Estes dados mostram que o fato de brincarem mais em casa impossibilita uma socialização com um grupo maior de crianças, ou seja, interação criança-criança, favorecendo também uma probabilidade de menor contato com espaços mais abertos que geralmente

possibilitam a criação de outras brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde, pular corda, jogar bola e outras. É evidente que estas brincadeiras podem ser criadas em qualquer espaço mesmo com as restrições de tamanho, mas ao possibilitar um lugar maior, as brincadeiras podem ser modificadas e criadas pelo grupo de crianças que estarão participando do brincar.

Para uma criança, qualquer objeto pode ser uma boneca: às vezes, um pedaço de pano, enrolado e colocado horizontalmente no braço, é uma boneca que passa a ser ninada e acariciada para dormir. Esse fato independe de se a criança tem ou não uma boneca industrializada ou feita artesanalmente (CARVALHO & PEDROSA, 2003, p.59).

Sendo assim, a criança tem a capacidade de imaginar, criar regras e explorar a mesma brincadeira de diversas formas, esta liberdade de expressão faz parte do universo lúdico da criança.

Ao oferecer um espaço amplo para brincar, por exemplo, um jardim, brincando a criança poderá utilizar os recursos da natureza, pode correr, explorar os espaços, corpo e meio ambiente. A criação, a fantasia, o faz-de-conta são algo espontâneo da criança, tudo pode ser transformado em brinquedos e brincadeiras, basta permitir esta liberdade e valorizar o poder da criatividade que cada um tem dentro de si.

Com relação à satisfação dos pais dos espaços proporcionados para que seus filhos brinquem, apenas dois responderam como sendo satisfatório sem observações, dois gostam, mas incentivam que a criança desça para o play-ground como possibilidade de vivenciarem outras brincadeiras: “*Mas também incentivo que ele desça para brincar no play. Espaço aberto para jogar bola, correr, se esconder...*”, os demais gostam porém desejariam que os filhos brincassem em área mais ampla: “*Nossa varanda é bem grande, mas é claro que um espaço verde seria bem melhor*”, expressa vontade de morar em casa para que a criança faça contato com a natureza: “*Gostaria até que o espaço fosse maior, e ter uma casa com um jardim bem grande para ela brincar*”.

Três pais acham o espaço do brincar satisfatório: “*Não é toda criança que tem em casa além do seu quarto de dormir, um espaço só para brinquedos, sem nenhum móvel*”.

Três consideram satisfatório, porém com necessidade de um espaço mais amplo: “*É satisfatório mas sinto falta de um espaço aberto*”.

Dois desejariam morar em casa com jardim: “*Eu queria que fosse um jardim grande onde ela pudesse correr e ter mais liberdade*”.

Para um participante, o espaço poderia ser mais satisfatório, diminuindo a quantidade de brinquedos: “*Poderia ter mais espaço e talvez menos objeto, ele tem muitos bonecos (as)*”.

COMPARTILHANDO O BRINCAR

Os dados sobre as pessoas que compartilham o brincar e as brincadeiras nos espaços proporcionados pelos pais possibilitaram uma avaliação da interação da família com o universo lúdico, permitindo uma discussão da participação do adulto ser superior ao da criança com criança. Tais dados estão presentes na outra tabela.

Tabela 1. Pessoas que participam do brincar e das brincadeiras

Pessoas	N
Mãe	8
Pai	7
Babás	7
Primos	3
Irmãos	1
Avós	1
Outras crianças	5

Fonte: Escola na cidade do Salvador

Como pode ser visto na tabela 1, as pessoas mais frequentes no brincar com a criança são mãe, pai, babás e outras crianças. Este dado mostra que a família nuclear tem exercido grande participação no brincar, e que a babá tem hoje um papel fundamental nesta relação com o lúdico. As crianças brincam mais com adultos do que com outras crianças, sendo importante valorizar a mediação da família, mas ao mesmo tempo questionarmos: O espaço do brincar das crianças de classe média contribui para um distanciamento do relacionamento com outras crianças?

Não estarei aprofundando esta questão, mas acredito que seja um tema para pesquisa futura.

Tabela 2. Com quem a criança mais gosta de brincar

Pessoas	N
Mãe	7
Pai	5
Babás	5
Amigos	3
Primos	2
Irmãos	1
Avós	1
Vizinhos	1

Fonte: Escola na cidade do Salvador

Na tabela 2, nos espaços que as crianças brincam registrados pelos pais, existe uma preferência dos filhos de brincarem com a mãe, pai, babá e amigos. É interessante pensarmos que estes adultos fazem parte do universo do brincar e que este registro tem uma relevância na sua história de vida, e nos valores adquiridos nesta dinâmica familiar e social. A babá aparece como uma demanda da criança, desejo de brincar, de compartilhar suas fantasias, brinquedos e brincadeiras.

Tabela 3. Pessoas que brincam mais com os filhos:

Pessoas	N
Mãe	7
Pai	5
Babás	5
Amigos	3
Avós	2
Primos	1
Irmãos	1
Tios	1

Fonte: Escola na cidade do Salvador

Na tabela 3, as pessoas que brincam mais na percepção dos pais são: a mãe, o pai, a babá e os amigos dos filhos.

A questão final da pesquisa foi quem brinca mais: o pai ou a mãe? Os dois brincam? Como resultado tivemos: a mãe apareceu seis vezes, os dois brincam três vezes, a opção do pai sozinho não foi citada.

As respostas não ofereceram dados qualitativos para uma análise mais precisa, deixando apenas as curiosidades, reflexões, indagações que motivam um pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados neste trabalho evidenciaram diversas questões relevantes para análise e estudo dos espaços que os pais de classe média proporcionam aos filhos para brincarem.

Foi observada a espontaneidade dos pais no relato com a identificação das brincadeiras e o quanto é prazeroso brincar com seus filhos e estabelecer esta relação lúdica no ambiente familiar.

É evidente como o crescimento urbano e industrial se reflete nos espaços e recursos que as famílias oferecem às crianças, no caso desta pesquisa, as de classe média. Para contextualizar o processo social com o espaço familiar, Bichara (2002) diz que, para auxiliar na compreensão das brincadeiras e da sua relação com o desenvolvimento e a cultura, devemos considerar os seguintes aspectos: os ambientes onde ocorreram as brincadeiras, os objetos utilizados, os temas preferidos, os grupos e a comunicação.

Os pais que responderam o questionário residem em apartamentos e almejam um lugar mais aberto, mais amplo para seus filhos brincarem e terem contato com a natureza; reconhecendo, assim, as limitações desta interação mais intensa no cotidiano.

Os espaços no apartamento onde moram são estruturados com objetos e brinquedos, detectando, assim, que a cultura que está sendo construída neste universo é a cultura de muitos brinquedos e poucas opções de brincadeiras; a realidade vivenciada pelas crianças hoje é de uma sociedade de produção e consumo.

Pais e educadores, não muito certos dessa importância, mas na incerteza de que possam estar prejudicando seus filhos ou alunos, adquirem um artesanal considerável de objetos para as crianças, tanto que a indústria do brinquedo tem se tornado uma das mais rentáveis atividades econômicas do mundo moderno” (MAGALHÃES, BICHARA e PONTES, 2003, p.64).

Uma questão importante que foi percebida na pesquisa foi a falta de tempo e a cobrança dos filhos de uma presença maior dos pais para brincar. As questões sócio-econômicas-culturais deste fim de século também estão presentes, principalmente no que se refere ao trabalho feminino fora de casa e as implicações disto para a criança, criando nos pais uma sensação de desconforto frente a sua ausência cotidiana na vida dos filhos (BIASOLI-ALVES, 1995).

Diante das mudanças na sociedade e valores socialmente transmitidos pelo mundo globalizado, os pais e os filhos apresentam-se como sustentação dos valores mais básicos do ser humano. O despertar para a vontade de brincar, não importa que seja com o filho, a essência do brincar valoriza e dignifica o homem porque com sua espontaneidade e

criatividade explora e expande seus desejos, sentimentos, em movimento contrário do sistema que é do distanciamento do lúdico.

Avaliar e refletir os espaços do brincar das crianças é um caminho para pensar neste padrão de comportamento socialmente transmitido pela sociedade moderna – podendo assim inovar, e permitir o contato com uma diversidade de opções mesmo residindo em lugares fechados; contextualizar a criança com a realidade atual e integrar com os valores das gerações anteriores, seja ensinando as brincadeiras, contando as histórias, brincando de faz-de-conta. O importante é representar e cultivar as raízes para que a história permaneça viva no tempo, e cada geração possa sentir e decidir qual ou quais brincadeiras ficarão como registro na sua história de vida.

REFERÊNCIAS

- BASTOS. A.C.S. ALCÂNTARA M.A.R. e SANTOS. J.E. Novas famílias urbanas. **Infância Brasileira e Contextos de Desenvolvimento**. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2002.
- BIASOLI-ALVES. P. **A visão dos pais sobre brinquedos, brincadeiras e atividades na família**. Monografia de Bacharelado – Universidade de São Paulo, 1995.
- BIASOLI-ALVES. Z.M. TOZO. S.M.S. e SAGIM. M.B. **Valores e Práticas – permanências e mudanças – estudo de famílias trigeracionis**. Artigo.
- BICHARA, I. D. **Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta de crianças de três a sete anos**. Tese de Doutorado (Instituto de Psicologia) – Universidade de São Paulo, 1994.
- BICHARA. I.D. Crescer como índio às margens do velho chico: Um desafio para as Brasileira e Contextos de Desenvolvimento crianças xocó. **Infância Brasileira e Contextos de Desenvolvimento**. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2002.
- BRONFEBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução por Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996.
- CARVALHO, Ana M. A (Orgs.). **Brincadeira e cultura: Viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 2V.
- CARVALHO. A.M. e PEDROSA M.I. Teto, Ninho, Território: Brincadeiras de Casinha. **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CARVALHO. A.M. e PEDROSA M.I. Bonecos de todos os tamanhos. **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 2V.
- CARVALHO. A.M.A. LORDELO. E. R. **Infância Brasileira e Contextos de Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LORDELO, E. R; CARVALHO, A.M.A e KOLLER, S.H. **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. Salvador: Casa do Psicólogo. EDUFBA, 2002.

MAGALHÃES. C.M.C. BICHARA. I.D. e PONTES. F.A. Recriando o dia-a-dia com brinquedos. **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que brinca.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 2V.

PEREIRA, M.A.P. e CARVALHO A.M.A. Brincar é preciso. **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que brinca.** . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 2V.

PETRINI, João Carlos. **Família e políticas familiares.** Mestrado em família na sociedade contemporânea. Apostila do curso, xerocopiada, 2006.

RABINOVICH. E.P. Família e Cidade: Um estudo sobre trajetórias do Self. **Família, Subjetividade e Vínculos.** São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

ZOLLER, G. e MATURANA, H. **Fundamentos esquecidos do ser humano.** São Paulo: Palas Athena, 2003.